

EDUCAÇÃO COMO TERRENO DE EPIFANIA DA CIBERCULTURA: LEITURAS E CENÁRIOS

SANTOS, Gustavo Souza¹; FREITAS, Ronilson Ferreira²; REIS, Vivianne Margareth Chaves Pereira³; ROCHA, Josiane Santos Brant⁴

¹Pós-graduando em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes - UCAM. Graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pelas Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros - FIPMoc.

²Mestrando em Saúde, Ambiente e Sociedade pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM.

³Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Docente nas Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros - FIPMoc e Faculdades Integradas do Norte de Minas - Funorte.

⁴Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília - UnB. Docente nas Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros - FIPMoc e Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes.

RESUMO

Nas últimas décadas, o desenvolvimento da educação em panoramas de universalização e democratização é notório. E, paulatinamente, novos modelos e sistemas educacionais têm surgido para elevar o nível dos processos de ensino e atender a uma demanda crescente por instrução e qualificação. Nesse esteio, processos inovadores e munidos das tecnologias da informação e comunicação têm feito um rico préstimo à educação, ressignificando e transformando ensino e aprendizagem. A processão da cibercultura como um fenômeno de natureza sociocultural enraizado imergiu o cotidiano em um conteúdo obtuso de produtos, dispositivos, conexões e novas realidades. A educação, como tantas instâncias inscritas socialmente, passa a ser um terreno de realização da cibercultura, possibilitando sua epifania na contemporaneidade e levando a pensar os novos caminhos e os novos rumos da educação, do ensino, da aprendizagem e da mensagem tecnocultural vigente. O objetivo proposto por esse estudo é refletir sobre a processão da cibercultura e seu entrecruzamento com a educação, apontando cenários e possibilidades em um tempo de transformações. Desenvolveu-se uma leitura de cenários sobre a cibercultura e a progressão da educação face à narrativa tecnológica e comunicacional.

Palavras-chave: Cibercultura. Educação. Educação a Distância. Tecnologias da Informação e Comunicação. Comunicação.

INTRODUÇÃO

Pierre Lévy (2000), em sua obra *Cibercultura*, sentencia que o ciberespaço é o terreno sob o qual a humanidade funciona hoje. Manifesto como um locus privilegiado e inovador de sociabilidade, formações culturais e representação, o ciberespaço é entendido como um terreno aberto de comunicação em que é operante uma interconexão mundial de computadores, suas memórias e sujeitos em uma complexão de redes digitais integradas e sem fronteiras, sob um dilúvio informacional e de base tecnocultural (LÉVY, 2000a; 2000b). Há ainda a discussão de que o ciberespaço é uma celebração espaçotemporal ressignificada de hipertextos em rede (VELLOSO, 2008), um esteio de conexões sígnicas por entrelaçamento de informações pluritextuais (NUNES, 2009) e uma dimensão simbólica coletiva livre, para além de mediação técnica (MACHADO, 2002).

É importante destacar que o advento da internet e o enredamento dos sujeitos e das informações na contemporaneidade não salientam apenas um espectro de revoluções técnico-científicas e de maquinário, mas de uma cadência cultural e sociológica ampla e fluida: a cibercultura (LÉVY, 2000c). A cibercultura é esse novíssimo esteio cultural e social de fruição, emergente do ciberespaço como vórtice das tecnologias de comunicação, informação e interação na quotidianidade. É, sobretudo, uma formação cultural cálida e não excludente das formações culturais anteriores, revelando uma espécie de empatia integradora, isto é, tecendo uma bricolagem (SANTAELLA, 2003). Um roteiro fortuito de técnicas, culturas, mediações, interações, informação, comunicação e sociabilidade em uma frente epistemológica que amplia a noção básica das relações humanas para com o computador em uma noção voraz de influxos tecnoculturais (LÉVY, 2000a;

LEMOS, 2004; SANTAELLA, 2003).

Destarte a emergência do ciberespaço e a processão da cibercultura, a sociedade e a condição humana estão inseridas em uma nova perspectiva. A técnica como instrumento humano de exploração da realidade e construção de seu domínio sobre o mundo abriu caminhos transformadores em diversas instâncias sociais. A indústria vislumbrou a tecnologia aplicada à produção e erigiu sua dominância sobre a mola econômica do mundo. A ciência foi capaz de articular seu ideário em produtos e espectros arraigados de desenvolvimento plural; a sociedade assistiu a quotidianidade ser inundada de dispositivos, novas marcas tecnoculturais e selos inovadores de sociabilidade. A contemporaneidade não mais se vê perplexa com a novidade tecnológica, esta já se lhe é intrínseca. Verdadeiras extensões do homem (MCLUHAN, 2002), os cabedais técnicos engendram funcionalidade, progresso, avanço e estado de contemplação na sociedade. Contemplação da técnica, do fluxo, do novo, do avanço em um ritmo litúrgico fascinado, religiosamente realizado (HEIDEGGER, 2007).

Ufanias e utopias fazem parte do canção reverberado pela proeminência da cibercultura, todavia, fundações concretas e realizações instaladas no terreno social são verificáveis, quebrando, diluindo e emendando novos paradigmas. Nesse ínterim de revolução e movimento articulado entre técnica, comunicação, cultura e sociedade, a educação tem lugar cativo, como propõe Lévy (2000a). E, para discutir a educação, o filósofo argumenta que é preciso, antes de tudo, discutir as relações do saber e mutações singulares ocorrentes nos trâmites do conhecimento, sua apreensão, produção e difusão (LÉVY, 2000a). Novos modelos educacionais, novas formas de transmissão de conhecimento, ideogramas de ensino e aprendizagem, tecnologias de inteligência e platitudes outras que alteraram sua dinâmica e reclamam sobre si, uma nova atenção para novos diálogos, questionamentos e descobertas.

No decurso das últimas décadas, movimentos de universalização e democratização da educação tornaram-se expressivos. Novos modelos educacionais, perspectivas didático-pedagógicas e esforços para qualificar o ensino e ampliar a aprendizagem são verificáveis desde longa data. Um ensejo de transformar a realidade social ou de tornar o conhecimento difuso e um celeiro capaz de agremiar novos frutos. Nessa mesma senda, a Educação a Distância

fervilhou como modalidade de universalização da educação e, apoiada nas tecnologias da informação e comunicação (TICs), deitou raízes e bases de moldes educacionais inovadores e conjugados à cibercultura e à linguagem de hipertexto vigente em tempos de cultura digital. Paralelo a esse movimento de maturação de perspectivas educacionais, a busca por instrução e a demanda por qualificação cresceu consideravelmente, desencadeando um processo de expansão de instituições de ensino, bem como estratégias, recursos e programas para contemplar realidade crescente.

O terreno é fértil. As TICs, sendo aplicadas à educação, mídias como ferramentais de ensino, aprendizagem ubíqua, dispositivos auxiliares, novos mundos que interpelam o legado dos sistemas educacionais e o desenho das relações do saber em tempos de mudança - e convergência. Refletir sobre a processão da cibercultura e seu entrecruzamento com a educação, apontando cenários e possibilidades em um tempo de transformações, é o objetivo do percurso de leituras e apontamentos aqui travado. Como pensar a educação na contemporaneidade face à cibercultura? Que transformações podem ser sentidas nas relações de saber? Que implicações surgem diante do conhecimento, ensino e aprendizagem diante do esteio do ciberespaço? Procurou-se, aqui, delinear nuances e contornos diante desses cenários.

DESENVOLVIMENTO

A seguir, são expostos os cenários da cibercultura, da educação e das TICs em cruzamento teórico.

O ciberespaço e a processão da cibercultura

O ciberespaço cresceu sob uma premissa social, em um movimento de tornar a informática acessível e seus produtos mais presentes no cotidiano de todo sujeito, sustenta Lévy (2000a). Do despontar do computador pessoal ao computador coletivo sob interface da internet e, posteriormente, do aparelhamento móvel, a gênese dos postulados da cibercultura se deu através de um movimento social independente, promovido por entusiastas das comunicações, especialmente da informática em ascensão. O ideal de época era propor uma informática social, isto é, em nível pessoal,

acessível e conjunta (LEMOS, 2004). Tal acepção não foi perpetrada pela indústria e sim por amadores e jovens entusiastas, destaca Lévy (2000a), com o intuito de empossar também os indivíduos das funcionalidades da cena computacional, atrelada até então apenas ao interesse e manejo de grandes empresas.

Nesse percurso, com o despontar da internet, uma zona de compartilhamento e coletividade foi instaurada entre indivíduos, informatas, mídias tradicionais e indústria, destaca Lemos (2004). Lévy (2000a) pontua que um traçado cooperativo internacional foi gerado com o avanço da comunicação informática, os esforços por uma socialização de suas funcionalidades e aquiescência da internet. A informática sem conexão anteriormente tida como restritiva, passou a se mostrar colaborativa e social e, nesse ínterim social e político, é que o ciberespaço foi fundamentado e o rol de práticas socioculturais aquecidas orientou a cibercultura, tendo a internet por grande substrato (LEMOS, 2004).

Lévy (2000a) indica a internet como símbolo e emblema da história da informática face ao ciberespaço e cibercultura, pontuando sua representatividade como oceano de informações, nobreza em promover elos e interconexões e nicho de sociabilidade e heterogeneidade cultural. Outros estudos ajudam na compreensão de que o significado humano foi emprestado à construção informática e, conseqüentemente, mídias, dispositivos e funções foram humanizados (SILVA, 2004; LEMOS, 2004).

Para entender essa premissa humanística, a sucessão dos personal computers (PC) e dos collective computers (CC), o desenvolvimento das tecnologias móveis ou CCm (collective computer mobile) é pertinente. O surgimento da tecnologia ubíqua sem fio, pervasiva e senciente potencializa o laço da cibercultura e a aquiescência de sua dimensão, onde a rede não é mais alheia ao indivíduo, mas é sua própria roupagem em acesso e mobilidade (LEMOS, 2004). Os argumentos de Santaella (2003) e McLuhan (2002) ganham angulação, aqui, na fala da autora sobre a mediação simbólica que é primária à mediação técnica, e nele, a noção de que os meios passam a se tornar extensões dos sujeitos.

Assim, cibercultura diz do movimento social, cultural e comunicacional que emerge do ciberespaço no tocante às tecnologias como ferramentas comunicacionais, interativas e en-

voltório de práticas cotidianas mediadas pela conexão (LÉVY, 2000a). Carrega sob telas, dispositivos e funcionalidades, traços de sociabilidade, cultura e interação, o pensamento em rede, a ubiquidade das práticas socioculturais e uma forma cadente de navegabilidade social, tendo elementos comunicacionais e informáticos como subterfúgio (LEMOS, 2004; SANTAELLA, 2003).

Ciberespaço e cibercultura: uma nova ágora e um novo programa

Com uma origem na utopia do empoderamento dos indivíduos face à hegemonia público-privada (LÉVY, 2000a), diante de um quadro de transições midiático-culturais (SANTAELLA, 2003) e de uma tessitura midiológica que acende no âmago da condição humana (MCLUHAN, 2002), Lévy (2000a) destaca três grandes pulsões que fomentaram o crescimento do ciberespaço e fertilizaram o campo de processão da cibercultura: a interconexão de dispositivos e pessoas, a coletividade elaborada na emancipação de comunidades virtuais e o desenvolvimento da inteligência coletiva.

Interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva constituem, na leitura de Lévy (2000a), o programa da cibercultura. Programa esse capaz de orientar suas ações e elevar o olhar a um fenômeno que posiciona o ciberespaço como um lócus proeminente e inscrito em uma situação de ágora. Uma nova ágora, eletrônica e virtual. Um espaço capaz de comportar interações virtualizadas em um domínio de tempo também virtualizado.

Se para Lévy (2000c) a humanidade hoje funciona no ciberespaço e as diversas operações materiais e imateriais humanas são ressignificadas, de acordo com Lemos (2008) e Monteiro e Fidencio (2013), o ciberespaço possui uma processão para além de um fenômeno atrelado à eletrônica e à velocidade informacional. O virtual, principal atributo do ciberespaço (MONTEIRO, 2004), possui uma realidade inalienável per se (DELEUZE, 2000). Considerando o virtual como terreno de operações destarte, uma interface que de um lado abarca uma realidade de inteligência coletiva e interações sociais e, de outro, uma maquinaria essencial e os sujeitos (LEMOS, 2008), é pertinente repercutir sobre a dimensão espacial e temporal do ciberespaço, como percurso reflexivo da realidade anexa a tal discussão - e

inovadora, como se pode diagnosticar.

O homem social e histórico empreendeu ferramentas de navegação social, construção política e processão simbólica como emblemas de exploração do mundo, da realidade premente em torno de si, dos outros e das coisas (BURGOS, 2014). Seu nomadismo, posteriormente revisitado pelo sedentarismo ou fixação territorial, cedeu lugar a um status cosmopolita, típico do animal social de Aristóteles, muito embora uma nova acepção seja necessária: uma ressignificação virtual do nomadismo (LÉVY, 1993).

Se, por um lado, algumas ideias precognizam um movimento de desterritorialização do real pelo reino do virtual (VADICO; VIEIRA, 2013; BAUDRILLARD, 1991), há uma movimentação acústica das procedências da noção do espaço com conceitos revisitados, defende Lévy (1993). Para uma teoria de modificações da noção espacial humana, novos feitos de ferramentas de pedra polida, metais e novos materiais são potencializadas para uma perspectiva de controle dos rumos, do destino e dos autos (BURGOS, 2014). Tal ferramental como valia de controle refere-se à noção do tempo, tido hodiernamente como fragmentado (HARVEY, 2005), hipermoderno (LIPOVETSKY, 2013) e em liquefação (BAUMAN, 2007).

Por outro lado, a globalização se caracteriza pelo intercâmbio fluido e imaterial para além das fronteiras, através de um vórtice combinado de produtos sociais, culturais, tecnológicos, financeiros e outros, em uma leitura transacional, esclarece Mattelart (2000). Filha da globalização, a comunicação internacionalizada remete a um jogo em que produtos comunicacionais são dispostos em um processo de dobra da realidade e das fronteiras, estreitando cenários globais através de uma só nau comunicacional, instaurando paradigmas e redefinições (CORREIA, 2005; MATTELART, 2000).

Nessa frente globalizada do mundo, uma esfera informatizada surge em decorrência de uma comunicação mundializada e multifacetada, emerge o ciberespaço não como princípio transacional ou germe de redefinições, mas pelo enredamento produzido e pelo expoente de um plano cada vez mais difuso, enseja Lévy (2000b). Tempo e espaço são revisitados nos cenários anunciados por uma modernidade em fase de incidência e a seguir através de uma modernidade consumada, ou pós-moderna (LIPOVETSKY, 2013; LÉVY, 1993). O ciberespaço aí está inserido, destarte as molas propulsoras

da técnica e seu impacto (LÉVY, 2000b) e um rearranjo dos elos sociais e simbólicos (SANTAELLA, 2003), em noções inéditas acerca do tempo e do espaço, como descritores paradigmáticos desse objeto em estudo.

O ciberespaço, assim, constitui-se como uma nova ágora na contemporaneidade (VELLOSO, 2008). Um espaço de realizações múltiplas onde os sujeitos se relacionam, constroem cultura, manifestam identidade e se realizam. Trata-se de um novo terreno de operações culturais e de sociabilidade capaz de orientar fenômenos humanos.

Dispositivos, ubiquidade e tecnologias em cadeia

Marcelo (2001) destaca que a emergência do fenômeno da cibercultura promove uma forma diferenciada de se pensar a tecnologia, em uma medida onírica e criativa. Segundo o autor, isso se dá através da partilha cultural, arraigada nas experiências do ciberespaço e da alta interatividade permitida pelos dispositivos tecnológicos, possibilitando aos sujeitos a promoção de relacionamentos diversos e, consequentemente, sua realização como ser humano (MARCELO, 2001). A cibercultura representa, nesse ínterim, uma realidade premente no universo social e, através das tecnologias que povoam o cotidiano, um novo nível de mediação técnica é perpetrado (SANTOS, 2010).

Com os cenários do ciberespaço e a meta da cibercultura, a quotidianidade se vê baliçada de uma natureza sociotécnica, isto é, as relações e atividades humanas se mesclam e se realizam face à tecnologia. A mediação técnica extrapola sua agenda funcional e passa a dotar a realidade de uma cadência arraigada, como extensão motora, de pensamento e desenvolvimento humano. Lima (2011) confirma, pontuando que a atualidade prega a tecnologia como cada vez mais indispensável a todas às áreas do conhecimento e, portanto, capaz de gerar produtos.

As TICs, o povoamento cotidiano de dispositivos e a multiplicação de espaços, sistemas e redes de interação têm penetrado a realidade social e se configurado como elementos construtores do ser, estar e agir humano (LÉVY, 2000a; LEMOS, 2004). Com as máximas do ciberespaço e as práticas da cibercultura abarcando a realidade social e preenchendo o itinerário humano cotidiano, auxiliado ainda pela

presença massiva de técnicas e ferramentais, a condição humana se vê num invólucro tecnocultural, como sinalizam Moya e Vásquez (2010). Isso significa que as ações humanas e a organização social complexa se estabelecem através dos produtos da cibercultura e a técnica se torna um eixo de articulação da ação e da existência, como confirma os estudos de Santos (2010), Lima (2011) e Matos (2008).

As tecnologias, enfim, se tornam marcadores da realidade, agregando às funcionalidades da vida cotidiana, aspectos e potencialidades, de facilidade, expansão e evolução. Aliadas à comunicação, as tecnologias se tornam veículos ainda mais totalizantes, permeando o devir humano, uma vez que a contemporaneidade se orienta pela comunicação (MARCELO, 2001). Conexão, acesso, ubiquidade e pervasidade se tornam palavras-chave das relações sociais e da estrutura social em si (LEMOS, 2004). Tudo e todos se conectam através de redes ubíquas e pervasivas, de modo a acessar informações e fluxos de conhecimento para assim, construir-se a realidade. Há uma tendência virtualizante e pautada no ritmo da cibercultura, isto é, em velocidade premente, sinalizando o sonho da internet de integrar tudo e todos por meio de enredamentos funcionais (SANTOS; ROSSINI, 2011).

Educação como terreno de epifania da cibercultura

Como uma forma sociocultural emergente da simbiose entre sociedade, cultura e novas tecnologias de base comunicacional e informacional (LEMOS, 2004), a cibercultura tem gestado novas práticas sociais no tocante à sociabilidade e às formações culturais, e na práxis educacional, o movimento é congruente. Um movimento de acesso e difusão da informação está presente na gênese do ciberespaço, em um ideal de empoderamento de todo indivíduo através do conhecimento. Os saberes se multiplicam e se espalham na rede com o fim de alcançar os sujeitos para que esses, apropriando-se desses saberes, os reinvente e difunda numa lógica de expansão e transformação.

O programa da cibercultura, ancorado na interconexão, na formação de comunidades virtuais e na inteligência coletiva, como preconiza Lévy (2000a), permite com que o ciberespaço se vincule como um esteio de informação e conhecimento, em que noções educacionais e

socializantes ganham forma e contornos. Nessa assertiva, está a manifestação da filosofia da cibercultura, em outras palavras, de uma aspecto de sua essência no entorno de conectar sujeitos e dar acesso a dados e informações. Paralelo ao desenvolvimento do ciberespaço e o aquecimento da cibercultura, evidentes no avanço das TICs, está a educação, que assistiu o crescimento de políticas, o desenvolvimento de sistemas, o lançamento de novas bases e ações e um aumento substancial na demanda por instrução e qualificação. Atenta à novidade da cibercultura, seus ensejos não se constituíram alheios a esse cenário.

A educação online é o pensamento comum e a primeira noção quando os temas das novas tecnologias, da cibercultura e da educação se cruzam. Todavia, é simplista considerar as relações entre cibercultura e educação apenas no que toca o surgimento dos ambientes virtuais de aprendizagem e, da educação a distância, tal qual ela se mostra em sua faceta recente (SANTOS, 2010). Nota-se, ainda, que as acepções sobre a educação online estejam engessadas a uma noção de que se trata de um estágio evolutivo da educação a distância de suas primeiras gerações até o presente, face à apropriação das TICs (LIMA, 2011; SANTOS, 2010). Contudo, a própria origem do ciberespaço e da informática e, ainda, os teóricos da cibercultura, apontam outras sinergias entre educação e cibercultura.

A educação passou a ser um terreno de epifania da cibercultura. Já que o ciberespaço repercutiu com um novo lócus no tempo e no espaço e a cibercultura orientou práticas sociais e enraizadas na quotidianidade, a educação também se imiscuiu dos postulados dessa novidade. Salientados os ideais de difusão do conhecimento e criação de uma forma de transmissão de saberes colaborativa - a inteligência coletiva (LÉVY, 2000b) -, o entrecruzamento entre cibercultura e educação apontam para um movimento de transformação da prática de ensino e de aprendizagem, absorvido prontamente na agenda da educação a distância contemporânea.

Esta epifania aqui discutida diz do encontro dos ideários sociais e fundamentais de ambas as instâncias: educação e cibercultura/ciberespaço/TICs. A educação como uma proposta de difusão dos saberes e sua mediação, na instrução de sujeitos e no empoderamento dos mesmos com agentes transformadores da realidade vê as possibilidades delineadas pela

cibercultura e pelas TICs como antegozo de sua meta. A cibercultura, por sua vez, manifesta-se nos moldes da educação como facilitadora, como injeção de energia, como modeladora e canal para que se processe sua perspectiva fundamental. Manifestada no seio da educação, a cibercultura se engendra na condição humana a fim de transformá-la e conectá-la em um núcleo comum de integração, convergência e funcionalidade. Nesse ínterim, o sonho - por ora utópico - de conectar tudo e todos, descrito nas origens da internet e da informática, ganha consistência e cadência.

Possibilidades e expressão

Dados do Censo da Educação Superior de 2007, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), remontam o aumento significativo do surgimento de cursos de graduação à distância nos últimos anos, evidenciando a fundação de novos cursos a distância, elevação do número de concluintes e crescimento no número de ingressantes (BRASIL, 2008). Pretto e Riccio (2010) afirmam que é clara uma estratégia nacional de ampliação da oferta utilizando a EAD como aporte. Embora evidentes, esses dados não traduzem apenas movimentos de encabeçamento da EAD no país, mas sinalizam o usufruto das TICs e de ferramentas de inovação técnica para a efetividade dos autos educacionais. Todavia, tais cenários não apenas particularizam estatísticas político-educacionais, mas remetem a soluções, transformações e renovado frescor no que toca o ensino e a aprendizagem local e global.

Afirmar a educação como terreno de epifania da cibercultura é narrar eventos em que a educação contemporânea em simbiose à técnica se torna um esteio inovador de possibilidades e transformações. E quando se versa sobre o entrecruzamento da cibercultura e educação, não se discute apenas a trajetória EAD, tal qual se vislumbra atualmente, há um movimento mais denso em derredor. É possível visitar universidades, centros de educação a distância e núcleos especializados e observar um estado de fusão entre TICs, projeções e políticas pautadas em produtos e ofertas educacionais inovadores.

O ideal é premente. A universalização, o entusiasmo progressista, o enfrentamento de percalços, a democratização e ampliação. Utopia e ufania se misturam com realidade e

perspectiva focalizada, prenunciando cotidianamente horizontes profícuos e intempestivos. Tais ideais educacionais se combinam aos próprios ideais da cibercultura que marcam trajetória na democratização da tecnologia e da comunicação em nível socializante, nos trâmites da ciberdemocracia e cibernociedade (LÉVY, 2000a; LEMOS, 2008).

Formação de professores (PRETTO; RICCIO, 2010); desenhos didático-pedagógicos (SANTO; MIDLEJ, 2012); possibilidades de comunicação, informação e inovação (SANTOS; ROSSINI, 2011); políticas orientadoras (SANTOS; SANTOS, 2013); práticas e ressignificação do ensino e da aprendizagem (SILVA, 2008); a virtualização como ferramenta construtora de novos paradigmas (TEIXEIRA; CARVALHO; GRASEL, 2009); novos eixos curriculares (WEBER; SANTOS, 2013); mobilidade e inovações (SANTOS, 2011), são vastos os cenários com os quais a educação tem ressignificado suas práticas nutrida pelo ideário da cibercultura.

Afugenta-se, todavia, as noções de que se trata de uma modernização ou mera atualização em face de técnica, trata-se de um movimento que tem se enraizado, fruto de um fenômeno e que se estabelece como uma nova formação cultural geral, gerando, por conseguinte, uma nova cultura educacional, como confirmam os estudos de Santaella (2013; 2004). Tal cultura se estabelece em novas relações com o saber, diante de um conhecimento difuso e maleável, disposto em cartelas hipertextuais e que não conhece barreiras fronteiriças. O virtual fornece ao corpo e ao espaço a substância pervasiva necessária para navegar, imergir e emergir no ciberespaço, diante dessa nova configuração do saber.

É perceptível claramente o povoamento de dispositivos, aplicações e programações como ferramentais para a construção do ensino e garantia da aprendizagem. Porém, é notório ainda que o conhecimento fica ainda mais acessível. A tecnologia passa a vestir e convergir sob a condição dos sujeitos, empoderando-os, tornando-os navegantes e protagonistas diante dos saberes, de modo a construir a realidade. A educação passa, assim, a lidar com um novo paradigma que remodela quaisquer outros cenários, mas em duas frequências: a primeira diz da oferta técnica, informacional e comunicacional (LÉVY, 2000a); a segunda diz de um novo perfil cognitivo dos sujeitos em aprendizagem (SANTAELLA, 2004).

É preciso preparar-se e debruçar-se sobre

os produtos técnicos que subsidiam e ressignificam as práticas pedagógicas, didáticas e de ensino-aprendizagem e tecer leituras sobre as novas formas de consumo de saberes e usufruto do conhecimento, sob os quais a cibercultura orienta ao manifestar-se no terreno da educação. Se o ciberespaço é o solo sob o qual a realidade hoje funciona, é preciso estar pronto para orientar-se por esse solo e aprender formas e empreender estratégias para explorá-lo de modo profícuo. Discutir a cibercultura pode gerar mal-estar e gerar interpretações de um futurismo desordenado, todavia, o fenômeno em questão é um palco empírico, do qual os sujeitos que sobre ele realizam suas performances é que tem a chave de compreensão para sua vivência reta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A processão da cibercultura como um fenômeno de natureza sociocultural enraizado imergiu o cotidiano em um conteúdo obtuso de produtos, dispositivos, conexões e novas realidades. A educação, como tantas instâncias inscritas socialmente, passou a ser um terreno de realização da cibercultura, possibilitando sua epifania na contemporaneidade e levando a pensar os novos caminhos e os novos rumos da educação, do ensino, da aprendizagem e a mensagem tecnocultural vigente.

O panorama é denso e articula um paradigma de dupla processão. A primeira acepção diz da floresta de recursos, técnicas, programas, aplicações e ferramentas de circunscrição sobre a prática de ensino e aprendizagem. Ressalte-se que tal aprendizagem se estabelece não apenas restrita a um ambiente institucionalizado de aprendizado, mas se acopla à ordem social como uma instância enraizada, isto é, a aprendizagem torna-se fluida e inscrita na realidade. A segunda acepção remete a um novo perfil de aprendizagem, imersivo, protagonista, explorador e construtor de sua realidade pessoal e social.

A educação revela-se genuinamente como terreno de epifania da cibercultura. Seus ideais políticos e sociais, como se revisitou pela literatura, se alinham e se anelam nas facetas da democratização, universalização e progressão do conhecimento, tornando-o um ícone de realização social. As narrativas desse panorama tecnocultural e educacional são dotadas de leituras futuristas e sabores ufanistas e utópicos,

todavia possuem um germe social efervescente, germe outrora visto na construção social da informática nos anos 1980 e nos movimentos que lançaram as bases de uma educação qualitativa e ampla. Sujeitos, sociedade e instituições não apenas assistirão como se integrarão a panoramas que se efetivam diariamente fruto dessa epifania.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação**. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água, 1991.
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Evolução da Educação Superior: graduação**. 2008. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/evolucao/evolucao.htm>. Acesso em: 21 jul. 2014.
- BURGOS, P. **Conecte-se ao que importa**. Um manual para a vida digital saudável. São Paulo: LeYa, 2014.
- CORREIA, J. C. **Sociedade e Comunicação: estudos sobre Jornalismo e Identidades**. Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2005.
- DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água, 2000.
- ELIAS, H. **Néon Digital**. Um discurso sobre os ciberespaços. Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2007.
- HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**. 15ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientia Studia*, São Paulo, v. 5, n. 3, set. 2007.
- LEMONS, A. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. *Razon y Palabra*, ano 9, n. 41, out./nov., 2004.
- _____. As estruturas antropológicas do ciberespaço. In: _____. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. A emergência do cyberspace e as mudanças culturais. In: PELLANDA, N. M. C.; PELLANDA, E. C. **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 13-20.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3. Ed. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Tecnologias da Inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1993.

LIMA, M. R. Educação na cibercultura: novas possibilidades para o ensino-aprendizagem. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 6, jan./jun. 2011.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Com Sébastien Charles. São Paulo: Edições 70, 2013.

MACHADO, J. A. S. O ciberespaço como arquitetura da liberdade. Tentativas de territorialização e controle da rede. In: ALVES, G.; MARTINEZ, V. (Org.). **Dialética do Ciberespaço**. Trabalho, tecnologia e política no capitalismo global. Londrina: Práxis, 2002.

MARCELO, A. S. **Internet e novas formas de sociabilidade**. Tese de Mestrado em Ciências da Comunicação. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, 159 p., 2001.

MATOS, E. S. A revolução da técnica: análise de possibilidades para a educação mediada por computador. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO, 28, Belém do Pará, 2008. **Anais do XXVIII do Congresso SBC**. Belém do Pará: SBC, 2008. p. 11-18.

MATTELART, A. **A globalização da Comunicação**. Tradução de Laureano Pelegrin. São Paulo: EDUSC, 2000.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. Aspectos filosóficos do virtual e as obras simbólicas no ciberespaço. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 1, jan/abr. 2004.

MONTEIRO, S. D.; FIDENCIO, M. V. As dobras semióticas do ciberespaço: da web visível à invisível. **TransInformação**, v. 25, n. 1, p. 35-46,

jan./abr., 2013.

MOYA, M.; VÁZQUEZ, J. De la Cultura a la Cibercultura: la mediatización tecnológica en la construcción de conocimiento y en las nuevas formas de sociabilidad. **Cuadernos Antropología Social**, Buenos Aires, n. 31, jan../jul. 2010.

NUNES, P. Hipermedia: diversidades sógnicas e reconfigurações no ciberespaço. In: _____. **Mídias Digitais e Interatividade**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009, p. 219-232.

PRETTO, N. L.; RICCIO, N. C. R. A formação continuada de professores universitários e as tecnologias digitais. **Educação em Revista**, Curitiba, n. 37, maio 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**. Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Rev. Famicos**, Porto Alegre, v.1, n.22, dez. 2003. p. 23-32.

_____. **Navegar no ciberespaço**. Perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, E. Educação online para além da EAD: um fenómeno da cibercultura. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIM, Antônio (Org.). **Educação Online: cenário, formação e questões didático-metodológicas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010. p. 29-48.

_____; MIDDLEJ, M. Como avaliar a aprendizagem online? Notas para inspirar o desenho didático na educação online. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, jul./out. 2012.

_____; ROSSINI, T. A realidade virtual na Educação Online: novas possibilidades de expressão e comunicação. **Tecnologia Educacional**, v. 31, n. 194, jul./set. 2011.

_____. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, H.; SILVA, M. (Org.). **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias**. Desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011. p. 138-160.

SANTOS, R.; SANTOS, E. O. Práticas multirreferenciais de educação online: expressões de uma pesquisa. **Rev. Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 2, nov. 2013.

SILVA, M. Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e online. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 1, n. 37, dez. 2008.

SILVA, L. O. A Internet: a geração de um novo espaço antropológico. In: LEMOS, A.; PALACIOS, M. **Janelas do Ciberespaço**. Comunicação e Cibercultura. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 152-172.

TEIXEIRA, A. C.; CARVALHO, M. J.; GRASEL, P. A virtualização da aprendizagem: novas perspectivas na cibercultura. **Rev. Brasileira de Com-**

putação Aplicada, Passo Fundo, v.1, n. 1, p. 42-52, set. 2009.

VADICO, L. A.; VIEIRA, W. Dos simulacros às simulações: o ceticismo gnóstico no pensamento de Jean Baudrillard. **Dispositiva**, v. 2, n. 1, p. 27-44, 2013.

VELLOSO, R. V. O ciberespaço como ágora eletrônica na sociedade contemporânea. **Ciências da Informação**, Brasília, v. 37, n. 2, ago. 2008.

WEBER, A.; SANTOS, E. O. Educação e cibercultura: aprendizagem ubíqua no currículo da disciplina didática. **Revista Diálogo Educacional**, v. 13, n. 8, jan./abr. 2013.